

FREI VICENTE DO SALVADOR: HISTÓRIAS DA VIDA PRIVADA E A HISTÓRIA DO BRASIL

FRIAR VICENTE DO SALVADOR: STORIES OF PRIVATE LIFE AND THE HISTORY OF BRAZIL

PAULO ROBERTO PEREIRA¹

Resumo

A História do Brasil de Frei Vicente do Salvador de 1500 a 1627. O Brasil Filipino: A Colônia na União Ibérica (1580-1640). História do Brasil e as histórias do Brasil: a esfera pública e a esfera privada. O retrato da época colonial: a narrativa coloquial na prosa histórica seiscentista.

Palavras-chave: História do Brasil; Frei Vicente do Salvador; Brasil na União Ibérica; A prosa histórica e a narrativa coloquial.

Abstract

The History of Brazil by Friar Vicente do Salvador from 1500 to 1627. Philippine Brazil: The Colony in the Iberian Union (1580-1640). History of Brazil and the stories of Brazil: the public and private spheres. The portrait of the colonial era: colloquial narrative in seventeenth-century historical prose.

Keywords: *History of Brazil; Friar Vicente do Salvador; Brazil in the Iberian Union; Historical prose and colloquial narrative.*

¹ Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor na Universidade Federal Fluminense. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Curador da exposição “500 Anos de Brasil na Biblioteca Nacional”. Diretor Científico do “Seminário Internacional 5º Centenário da Primeira Volta ao Mundo”. Publicou *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia das fontes sobre o Brasil*; *As comédias de Antônio José, O Judeu*; *Obra completa de Manuel da Nóbrega*, edição do 5º centenário. E-mail: paulorobertopereira08@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3827-8230>.

Frei Vicente do Salvador é um caso singular de historiador que escreveu a sua *História do Brasil* sob novos postulados que colocavam em plano secundário o grande número de relatos, crônicas, cartas que descreviam a Terra de Santa Cruz como promissor paraíso terrestre buscado por navegadores que estavam a unir os continentes pela estrada marítima que preparava e consolidava a mundialização.

As narrativas ou as histórias sobre o Brasil começaram com a chegada da frota chefiada por Pedro Álvares Cabral em 1500 através de três relatos presenciais, estudados exaustivamente, a começar pela carta de Pero Vaz de Caminha. A notícia da chegada à Terra de Santa Cruz repercutiu rapidamente na Europa, devido à publicação na Itália do “Relato do Piloto Anônimo”, informando sobre a terra e seus habitantes.

Não demorou que Américo Vespúcio, misto de negociante e piloto marítimo, descrevesse, particularmente em *Mundus Novus*, a desconhecida região do Atlântico Sul. Assim, aventureiros franceses, espanhóis, ingleses, alemães, italianos, holandeses e, particularmente, portugueses, viessem em busca da “Auri sacra fames”, como diz Virgílio em verso imortal.

Esse novo descobrimento geográfico resultou em vasta literatura de viagens ao que se veio chamar de Brasil quinhentista. São lembrados sempre os aventureiros que deixaram seus depoimentos por escrito, como o alemão Hans Staden e os franceses André Thevet e Jean de Léry. As informações sobre a Terra do Pau-brasil atizou a cobiça de diferentes nações na Europa, obrigando o governo português a proteger seu território que o acaso do destino lhe oferecera. A decisão de garantir a terra a que Portugal tinha direito pelo Tratado de Tordesilhas se tornou vital, particularmente depois que a frota de Fernão de Magalhães, patrocinada pelo governo espanhol, aportara na baía de Guanabara em 1517, como relata Antonio Pigafetta no seu *Diário*. Surgiram então as expedições guarda-costas e, sobretudo, em 1530 a primeira expedição colonizadora comandada por Martim Afonso de Sousa. São bem conhecidos os resultados dessa expedição através do *Diário da Navegação*, de Pero Lopes de Sousa. A obra de Pero Lopes de Sousa, embora tenha passagens emocionantes como o desastre marítimo no Rio da Prata ou a descrição das mulheres indígenas do Rio de Janeiro é, sobretudo, um roteiro técnico da navegação pela costa marítima brasileira.

Para que a colonização da Terra da Ibirapitanga de fato se iniciasse, precisou-se esperar cerca de 20 anos, com a vinda, em 1549, do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, acompanhado da primeira missão jesuítica nas Américas, chefiada pelo padre Manuel

da Nóbrega. Serão os padres jesuítas – Nóbrega, José de Anchieta, Fernão Cardim e outros – que produzirão vasto número de relatos, cartas e esboços de uma história do Brasil. Nesse grupo de grandes letrados jesuítas assoma a figura do padre José de Anchieta, o principal escritor do Brasil quinhentista.

Aos relatos de cunho antropológico escritos pelos jesuítas no trabalho de catequese, visando à conversão dos povos indígenas, surgiu uma obra que se tornou um divisor entre o que se escrevia no Brasil e o que se escreveu depois. Trata-se da *História da Província Santa Cruz*, de Pero de Magalhães de Gândavo, publicada em 1576. Dizia mestre Capistrano de Abreu que a História de Gândavo era uma propaganda da emigração... Mas se o Brasil ainda não tinha uma história que retratasse a intensa exploração do pau-brasil e a movimentação econômica com a fundação dos engenhos de cana-de-açúcar em Pernambuco e na Bahia, já se possuía uma visão bem ampla do território continental banhado pelo Atlântico Sul, que se ampliava progressivamente do delta do Amazonas ao delta do Rio da Prata.

Praticamente contemporâneo de frei Vicente do Salvador, circulou também em manuscrito, como a obra de frei Vicente, os *Diálogos das grandezas do Brasil*, de Ambrósio Fernandes Brandão, datado de 1618. A partir da constatação de que um dos apógrafos dos *Diálogos das grandezas do Brasil* pertencia à coleção de manuscritos do chantre da Sé de Évora, o historiador e bibliófilo Manuel Severim de Faria, mecenas de frei Vicente do Salvador, aventou-se a hipótese de que frei Vicente teria manuseado os *Diálogos* de Brandão em face das coincidências encontradas, particularmente a conquista da Paraíba, em que Ambrósio Fernandes Brandão teve papel relevante.²

Por outro lado, o livro *Notícia do Brasil em 1587* ou *Tratado descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa, representava a antevéspera da produção por frei Vicente do Salvador da sua *História do Brasil*. A *Notícia do Brasil* foi, como dizia José Honório Rodrigues, a enciclopédia do Brasil quinhentista. Nenhuma obra escrita no século XVI abarcou tantos detalhes da realidade geográfica e humana do Brasil, particularmente da Bahia. A veracidade das informações no relato de Gabriel Soares de Sousa sobre os povos originários do Brasil só

² Brandão, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Organização e introdução de José Antônio Gonsalves de Mello. Prefácio de Leonardo Dantas Silva. 3ª edição integral segundo apógrafo de Leiden. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1997; SANTOS PÉREZ, José Manuel. In: BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogo de las grandezas de Brasil*. Primera edición en español, con traducción, estudio preliminar y notas de José Manuel Santos Pérez. Madrid: Doce Calles, 2019; Brandão, Ambrósio Fernandes. *Dialogues of the great things of Brazil*. (*Diálogos das grandezas do Brasil*). Attributed to Ambrósio Fernandes Brandão. Translated and annotated by Frederick Holden Hall, William F. Harrison and Dorothy Winters Welker. Foreword: José Antônio Gonsalves de Mello. Albuquerque: University New Mexico Press, 1987.

tem comparação com os escritos produzidos por seus contemporâneos José de Anchieta e Fernão Cardim.

Assim, o século XVI no Brasil se encerrava sem que se houvesse escrito uma história que narrasse esse encontro de cultura que começava com a miscigenação entre indígenas, brancos e negros, prenunciando uma futura identidade nacional.

No alvorecer do século XVII, com a expansão da colonização e o aumento da riqueza que o ouro branco proporcionava às casas-grandes e à metrópole, em que a vida cosmopolita de Olinda e Salvador da Bahia começava a se expandir através de atividades mercantis, religiosas e educacionais, surgia uma literatura histórica e ficcional que deixaria sua marca para sempre no imaginário nacional com as obras de Bento Teixeira, Ambrósio Fernandes Brandão, Botelho de Oliveira, Gregório de Matos e, especialmente, frei Vicente do Salvador.

Ainda hoje algumas passagens sobre a vida de frei Vicente do Salvador e a trajetória acidentada do seu livro *História do Brasil*, até a publicação da primeira edição em 1889, permanecem desconhecidas.

Vicente Rodrigues Palha, depois Frei Vicente do Salvador, nasceu na Bahia, filho do português do Alentejo João Rodrigues Palha e da baiana Mécia Lemos. O local e data de seu nascimento e morte foram progressivamente atualizados, sobretudo pelo trabalho do historiador franciscano frei Venâncio Willeke, OFM.³

Segundo Willeke, frei Vicente do Salvador nasceu em 1567, na cidade do Salvador, Bahia, e não em 1564 em Matoim, como sempre se aceitou. Frei Vicente teria iniciado seus estudos com um tio padre, Jorge de Pina, que depois o encaminhou para estudar no Colégio dos Jesuítas de Salvador, célebre pelas grandes figuras da Companhia de Jesus que lá ensinaram ou estudaram, como Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Fernão Cardim e Antônio Vieira. Após a preparação na América Portuguesa, embarcou frei Vicente para Portugal, matriculando-se na Universidade de Coimbra, cursando jurisprudência e doutorando-se em direito civil e direito canônico, voltando ao Brasil em 1587.

Frei Vicente do Salvador certamente vivenciou em Coimbra o ambiente filosófico e espiritual que, sob o magistério de Francisco de Vitória, criara a denominada Escola de

³ WILLEKE, OFM, Frei Venâncio. *Franciscanos na história do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977. Frei Vicente do Salvador, pp. 51-64.

Salamanca votada a defender e reconhecer os direitos dos indígenas americanos.⁴ Na América Hispânica a principal figura a defender os postulados contra a escravização dos povos nativos era frei Bartolomé de Las Casas,⁵ enquanto na América Portuguesa sobressaía-se a figura do padre Manuel da Nóbrega, antigo discípulo dos mestres da Escola de Salamanca, cuja Universidade o teve como aluno, além da benéfica influência da bula papal *Sublimis Deus* ("O Excelso Deus") do Papa Paulo III.⁶

Assim, pode ser visto como natural que frei Vicente do Salvador, ao voltar ao Brasil, abandonasse a vida civil e ingressasse na vida religiosa na Ordem de São Francisco dos padres mendicantes. Certamente, desejava ele buscar os nativos da sua terra para levá-los ao grêmio católico. Então, o Vicente Palha da vida civil tornou-se frei Vicente a missionar nações indígenas, especialmente da Paraíba. A par disso, residindo em Salvador, foi frei Vicente sendo seguidamente nomeado na ordem franciscana, como cônego da sé, vigário-geral e governador da diocese brasileira. Era uma época de acirramento religioso em que a reunião das Coroas ibéricas motivara maior intolerância religiosa de católicos contra seitas protestantes e, principalmente, contra cristãos-novos. Então, aportou no Brasil a partir de 1591, inicialmente na Bahia, depois em Pernambuco, a Primeira Visitação do Santo Offício, sob as ordens do licenciado Heitor Furtado de Mendonça. Consta nas "Confissões da Bahia" o depoimento de João Rodrigues Palha, pai de frei Vicente do Salvador.⁷ Nas "Denúncias da Bahia", de 1591-1593, lembra Capistrano de Abreu a relação de amizade de frei Vicente do Salvador com o Deão da Sé, Pero do Campo Tourinho. Além de constar entre os denunciantes à Inquisição o depoimento de João Serrão, casado com Constança de Pina, irmã de frei Vicente do Salvador.⁸

Talvez a presença ostensiva da Inquisição em Salvador tenha motivado frei Vicente a passar um período enclausurado no convento de São Francisco em Salvador, recebendo os

⁴ MARTÍN GÓMEZ, María. Sobre el uso y origen del concepto "Escuela de Salamanca". *Scripta Theologica*, Vol. 55, 2023, pp. 67-97, especialmente p. 67-70; MARTÍN GÓMEZ, María. *La Escuela de Salamanca, Fray Luis de León y el problema de la interpretación*. Pamplona: EUNSA, 2017, pp. 12-13.

⁵ LAS CASAS, Bartolomé de. *Brevisima relación de la destrucción de las Indias* [1552]. Edición y notas José Miguel Martínez Torrejón. Prólogo y cronología Gustavo Adolfo Zuluaga Hoyos. Medellín, Colombia: Editorial Universidad de Antioquia, 2011.

⁶ Paulo III, *Sublimis Deus*. In: SUESS, Paulo (Coord.) *A Conquista Espiritual da América Espanhola*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 273.

⁷ *Primeira visitação do Santo Offício às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça*. Confissões da Bahia, 1591-1592. Prefácio de J. Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: F. Briguet, 1935, p. 121.

⁸ *Primeira visitação do Santo Offício às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendonça*. Denúncias da Bahia, 1591-1593. Organização Capistrano de Abreu. São Paulo: Paulo Prado, 1925, pp. 14-15.

votos em 30 de janeiro de 1600. Estando pronto para a catequese, partiu Frei Vicente para Pernambuco. De lá, em 1603, foi enviado à Paraíba a catequizar os indígenas da capitania. Missionou frei Vicente na Paraíba até 1606. Embora a experiência de catequizar tenha durado apenas três anos, frei Vicente não esqueceu essa experiência de vida, como se nota na sua *História do Brasil*.

Transferido, em 1606, para Olinda frei Vicente foi lecionar filosofia como “lente de artes”. Sua atividade, como professor, durou só um ano, pois o novo custódio dos franciscanos no Brasil, frei Leonardo de Jesus, escolheu o frade baiano para fundar o convento de Santo Antônio a ser construído no Rio de Janeiro. Assim, frei Vicente chegou ao Rio em 1607 com a missão de construir o convento de Santo Antônio. Realizada a missão voltou frei Vicente a Pernambuco para lecionar, mas novamente exerceu o magistério por pouco tempo, pois foi transferido novamente para a Bahia. Pareceu então que a partir de 1608 poderia frei Vicente permanecer em sua terra natal. As promoções a frei Vicente continuaram, pois em 1612 o elegeram guardião do convento de Salvador. E em 1614 tornou-se o primeiro frade brasileiro a ser eleito custódio dos oito conventos e das trinta missões indígenas do país. Embora a atividade de responsável pelos conventos e missões indígenas fosse árdua, certamente frei Vicente aproveitou o cargo para levantar material histórico que serviram de base para a escrita dos seus dois livros: *Crônica da Custódia do Brasil* e a *História do Brasil*.

Em torno de 1618, terminado seu governo como custódio, frei Vicente embarcou para Portugal com a missão de prestar contas da sua gestão e também concluir a pesquisa em torno da sua *Crônica da Custódia do Brasil*. A estadia em Portugal foi, segundo Capistrano de Abreu, fundamental para que frei Vicente do Salvador amadurecesse a ideia de escrever uma história do Brasil e não mais somente uma história da sua custódia. Assim fez o franciscano baiano, estudando e pesquisando em Portugal o que não poderia encontrar no Brasil, lá permanecendo até 1621.

De volta ao Brasil dedicou-se a escrever a sua *História do Brasil*, percorrendo o país, recusando novos cargos e missões, preocupado em terminar a sua obra. Em uma dessas viagens, entre 1624 e 1625, acabou prisioneiro dos invasores holandeses. Com a capitulação dos holandeses, em maio de 1625, retornou ao projeto da sua *História do Brasil*, que concluiu datando a obra de 20 de dezembro de 1627. Pronta, enviou a sua *História* para Portugal, fiado na promessa do erudito Manuel Severim de Faria de que publicaria o seu livro. Como a edição demorava, frei Vicente foi enviando acréscimos e correções para serem acrescentados aos

originais. Não se sabe o motivo por que a *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador não foi publicada na sua época. Certamente, como ressaltava Capistrano de Abreu, se a obra do frade franciscano baiano tivesse sido publicada em sua época teria exercido benéfica influência sobre os historiadores que escreveram depois dele sobre o Brasil.

Depois de terminado o seu livro, frei Vicente do Salvador exerceu ainda o cargo de guardião de Salvador, de 1630 a 1633. Deve ter falecido entre 1636 e 1639, embora o último documento encontrado assinado por ele traga a data de 2 de outubro de 1636.

Frei Vicente do Salvador foi citado por contemporâneos e seu nome consta na *Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado,⁹ embora não registre a existência da *História do Brasil* do frade baiano. Contudo, a existência de sua *História* era conhecida, permitindo que fosse rastreada. Tanto assim é que Francisco Adolfo de Varnhagen e João Francisco Lisboa encontraram na Biblioteca das Necessidades, em Lisboa, e depois na Torre do Tombo, exemplares manuscritos da *História do Brasil*. Do exemplar da Torre do Tombo foi feita uma cópia que veio parar no Brasil, vindo depois a público quando se inaugurou, na Biblioteca Nacional, a exposição de história e geografia do Brasil, em 1881. Foi a partir desse exemplar da Torre do Tombo que foram feitas as quatro primeiras edições da *História do Brasil*. O exemplar da Biblioteca das Necessidades, que inicialmente se extraviou, foi mais tarde localizado na Torre do Tombo. Com base nesse exemplar mais completo e mais fiel ao texto de frei Vicente, é que foi preparada a quinta edição comemorativa do 4º centenário do autor.¹⁰

As primeiras tentativas de se imprimir a *História* de frei Vicente do Salvador fracassaram, apesar do empenho de Capistrano de Abreu. Finalmente, em 1889, Capistrano trouxe a público a primeira edição da *História do Brasil*, de frei Vicente. Contudo, Capistrano não estava satisfeito com a primeira edição que organizara desse livro lendário e essencial para a compreensão de cerca de século e meio da nossa história. Assim, o mestre cearense reviu seu texto e escreveu um prefácio para a segunda edição, de 1918, em que ofereceu a versão definitiva de como se pode entender o alcance da *História* seminal de frei Vicente do Salvador.

⁹ MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica*. Lisboa Occidental, na officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741(1º vol), 1747 (2º vol), 1752 (3º vol), 1759 (4º vol). Edição diplomática de M. Lopes de Almeida. Coimbra: Atlântida, 1965-1967, volume 3, p. 787.

¹⁰ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Revista por Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke, OFM. Apresentação de Aureliano Leite. Quinta edição comemorativa do 4º centenário do autor. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

No prefácio à edição de 1918 da *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador diz Capistrano ser essa “a primeira história do Brasil composta por brasileiro”,¹¹ embora esse não seja o primeiro livro de frei Vicente, pois antes escrevera a *Crônica da Custódia do Brasil*, redigida entre 1614 e 1618, quando esteve à frente da ordem franciscana, especialmente no período que passou em Olinda. Frei Vicente levou a *Crônica* para Portugal e lá o manuscrito se perdeu.

Não só a dimensão da *História do Brasil* de frei Vicente é relevante, mas o que a obra revela e interpreta sobre a realidade brasileira em que viveu o frade baiano. Certamente frei Vicente conviveu ou leu os principais letrados de sua época residentes na Bahia, em Pernambuco, na Paraíba e no Rio de Janeiro, como os jesuítas José de Anchieta e Fernão Cardim; ou leigos, como Gabriel Soares de Sousa e Ambrósio Fernandes Brandão.

A *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador confirma a experiência do líder religioso que percorreu o Brasil de Filipeia de Nossa Senhora das Neves (atual João Pessoa), na Paraíba, ao Rio de Janeiro. Sua experiência de missionário convivendo com o grupo indígena potiguaras da etnia tupi deixaram marcas profundas refletidas na defesa que faz dos povos ameríndios. Seu magistério em diferentes capitanias e os diversos cargos que assumiu na ordem de São Francisco serviram de subsídio para a informação realística que perpassa a sua *História*.

Frei Vicente dedicou a sua *História* a Manuel Severim de Faria, bibliófilo e erudito português que apoiou o historiador brasileiro a começar a escrever a sua história na residência do cônego e chantre da Sé de Évora.

A sua *História do Brasil* confirma a excelente formação de frei Vicente adquirida no Brasil e em Portugal, tendo organizado a sua obra em cinco livros que cobrem a história do Brasil desde o seu descobrimento até praticamente os últimos momentos em que viveu na década de 1630.

As edições da *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador trazem “os Prolegômenos” escritos por Capistrano de Abreu que sintetizam cada livro, esclarecendo lacunas encontradas. Rodolfo Garcia destacou a importância desses prolegômenos dizendo que eles “por si sós constituem a mais lúcida síntese da História do Brasil, que jamais se escreveu.”¹² Afirmou Hélio Viana que “a grande característica dessa edição foi a introdução

¹¹ ABREU, J. Capistrano de. *Ensaio e estudos*, 2ª série. Nota liminar de José Honório Rodrigues. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1976, p. 111-128, p. 116.

¹² SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Nota preliminar de Capistrano de Abreu.

de magistrais “Prolegômenos” a cada um dos cinco livros da História. Trata-se do ponto mais alto até agora atingido por nossa crítica histórica.”¹³ E José Honório Rodrigues ressalta que “a edição crítica de Capistrano de Abreu é modelar, sem exemplo na história dos textos históricos [...] definitiva no texto limpo e fidedigno, soberba na erudição que informava as fontes, corrigia os enganos e esclarecia a matéria.”¹⁴

A releitura da *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador por críticos universitários contemporâneos permitiu a inserção do texto do frade baiano no contexto da prosa histórica produzida no Estado Absolutista, entre os séculos XVI e XVII, dando ênfase ao discurso retórico. Assim, para João Adolfo Hansen, frei Vicente do Salvador escreveu a sua *História do Brasil* segundo preceitos de uma unidade teológico-político-retórica, “generalizada internacionalmente, de modo que a Bahia é contemporânea da Itália, da Espanha, da Polônia, nos termos dos modelos culturais das práticas letradas.”¹⁵ Por outro lado, essa corrente crítica absorve os desígnios divinos como providencialismo histórico: “Na História do Brasil, é obra da Divina Providência a vitória de portugueses católicos frente a hereges, sejam franceses ou holandeses, e ao gentio que se opunha à catequese. Desse modo, frei Vicente do Salvador justificava a posição dos portugueses como eleitos.”¹⁶

Entre os trabalhos dedicados à vida e à obra de frei Vicente do Salvador, avulta a contribuição de Capistrano de Abreu, desde a paradigmática edição da *História do Brasil* de 1918. Provavelmente, depois do historiador cearense, o trabalho mais importante feito em torno da *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador se deva a Maria Lêda Oliveira, que publicou sua monumental edição, em 2 volumes, em 2008.¹⁷

Estudo indispensável para se compreender as ações políticas da monarquia dos Áustrias através do governo de Filipe III, que dividiu a América Portuguesa em dois Estados em 1618, é o de José Manuel Santos Pérez.¹⁸

Explicação de Rodolfo Garcia. Terceira edição. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

¹³ VIANA, Hêlio. A primeira “História do Brasil” escrita por um brasileiro. In: RIHGB, vol. 270. Rio de Janeiro, 1967, pp. 179-188, p. 182.

¹⁴ RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil. Primeira parte: Historiografia colonial*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1979, pp. 489-494, especialmente p. 494.

¹⁵ HANSEN, João Adolfo. Colonial e Barroco. In UERJ. *América: descoberta ou invenção*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. pp.347-361, p. 356.

¹⁶ ANDRADE, Luiz Cristiano O. de. *A Narrativa da Vontade de Deus: a História do Brasil de Frei Vicente Salvador (cerca 1630)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004, p. 148.

¹⁷ OLIVEIRA, Maria Lêda. *A História do Brasil de Frei Vicente do Salvador: história e política no Império Português do Século XVII*. Rio de Janeiro: Versal; São Paulo: Odebrecht, 2008, 2 v.

¹⁸ SANTOS PÉREZ, José Manuel. *El Brasil de Felipe III: corruptelas, "castellanización" y conquista en tiempos*

O “Livro primeiro” apresenta um panorama histórico do Brasil através de uma interpretação que ultrapassa os projetos de Pero de Magalhães de Gândavo, de Gabriel Soares de Sousa e de Ambrósio Fernandes Brandão.

Capistrano de Abreu, nos prolegômenos a esse primeiro livro, ressalta que “os conhecimentos e a experiência pessoais do autor dispensavam-no de recorrer a outras autoridades,”¹⁹

No capítulo primeiro frei Vicente demonstra ser um historiador a par do seu tempo: “A terra do Brasil, [...], não se descobriu de propósito e de principal intento, mas acaso”.²⁰ A tese do descobrimento do Brasil por acaso foi contestada no século XIX por Joaquim Norberto de Sousa e Silva. Não sobreviveu, mesmo depois de retomada no século XX nas comemorações dos 500 anos do Brasil.²¹

No capítulo segundo aborda frei Vicente o nome atribuído ao Brasil pelos seus descobridores, o nome dado por D. Manuel na sua correspondência e o nome que o vulgo fixou por seu uso diário na Terra do Brasil. Surgem então as primeiras reações de frei Vicente no seu amor à terra natal: “Papagaio real para Portugal, porque tudo querem para lá.”²²

No capítulo terceiro se encontra a mais célebre afirmação de frei Vicente que, ainda hoje, causa admiração e incômodo: “Da largura que a terra do Brasil tem para o sertão não trato, porque até agora não houve quem a andasse por negligência dos portugueses, que, sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contentam-se de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos.”²³

No capítulo quarto, tratando do clima do Brasil, recorda frei Vicente da tradição aristotélica de que “a zona tórrida” era inabitável. Valoriza a sua terra de nascimento,

de reforma (1598-1621). Madrid: Sílex, 2025.

¹⁹ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Revista por Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke, OFM. Apresentação de Aureliano Leite. Quinta edição comemorativa do 4º centenário do autor. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 49. As citações da *História do Brasil*, de frei Vicente do Salvador, serão sempre por esta edição, em que, quando necessário, modernizamos o texto de acordo com as normas atuais do Português do Brasil.

²⁰ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 56.

²¹ PEREIRA, Paulo Roberto (Org.). *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia das fontes sobre o Brasil*. Comemorativa dos 500 anos do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

²² SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 59.

²³ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 61.

ressaltando “que a zona tórrida é habitável, e que em algumas partes dela vivem os homens com mais saúde que em toda a zona temperada, principalmente no Brasil.”²⁴

O capítulo quinto “das minas de metais e pedras preciosas do Brasil” revela a grande frustração que durou dois séculos por não se encontrar minerais preciosos no Brasil, enquanto os espanhóis exibiam as riquezas incalculáveis do Peru. Frei Vicente aproveita para criticar os colonizadores que “quando vão ao sertão é a buscar índios forros, trazendo-os à força e com enganos para se servirem deles e os venderem com muito encargo de suas consciências.”²⁵ Esse comentário confirma que os franciscanos estavam em sintonia com os jesuítas contra a escravidão dos indígenas.

O capítulo sexto “das árvores agrestes do Brasil” é um estudo que enumera árvores e sua utilidade, destacando a copaíba, a árvore medicinal; o jenipapo, que servia de tinta para os indígenas pintarem seus corpos. Valoriza frutas da terra como o caju, o maracujá e o ananás, “fruta que em formosura, cheiro e sabor excede todas as do mundo.”²⁶

No capítulo sétimo “das árvores e ervas medicinais” se descreve ervas nativas do Brasil: “Enfim não há enfermidade contra a qual não haja ervas em esta terra, nem os índios naturais dela têm outra botica ou usam de outras medicinas.”²⁷

No capítulo oitavo ao “mantimento do Brasil”, ressalta que a mandioca era em sua época o principal alimento do Brasil.

No capítulo nono “dos animais e bichos do Brasil”, enumera frei Vicente os animais existentes no Brasil, dos domésticos aos silvestres. Apresenta uma lista de animais selvagens, como o tamanduá, o bugio ou macaco, a preguiça e se concentra nas cobras. Com o seu saboroso estilo Frei Vicente relata casos fantasiosos sobre cobras no Brasil, como o da mulher “parida, que lhe viera algumas noites uma cobra mamar em os peitos, o que fazia com tanta brandura que ela cuidava ser a criança.”²⁸

No capítulo décimo “das aves”, dá realce aos papagaios e descreve tipos de peixes, incluindo a baleia, que não é peixe. O destaque fica com a famosa história do homem marinho

²⁴ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 63.

²⁵ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 65.

²⁶ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 69.

²⁷ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 71.

²⁸ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 77.

ou *upupiara* que teria aparecido na capitania de São Vicente. Deve-se a Pero de Magalhães de Gândavo, na *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, a primeira divulgação dessa lenda indígena que transformou um leão marinho do Polo Sul em homem marinho.²⁹

No capítulo décimo “de outras coisas que há no mar e terra do Brasil”, demonstra frei Vicente o seu amor à sua pátria de nascimento, enumerando produtos como o sal, a cal, o sabão, prenunciando um futuro de autonomia nacional: “Conforme a isto digna é de todos os louvores a terra do Brasil, pois primeiramente pode sustentar-se com seus portos fechados sem socorro de outras terras.”³⁰

Com o capítulo décimo segundo, frei Vicente inicia sua narrativa sobre os povos originários do Brasil, tratando nos seguintes do mesmo tema, o indígena brasileiro. E frei Vicente narra a origem dos nativos do Brasil, segundo uma longa tradição, que já aparecera em outros autores, concluindo: “Esta opinião não é certa, e menos o são as outras que não refiro, porque não tem fundamento: o certo é que esta gente veio de outra parte, porém donde não se sabe, porque nem entre eles há escrituras, nem houve algum autor antigo que deles escrevesse.”³¹

O capítulo décimo terceiro “de suas aldeias” exemplifica o povo *aimoré*, considerado tapuia, mais primitivo, que não construía habitação. Ressalta que os indígenas viviam em aldeias com habitações organizadas de várias famílias em espaço para a rede e o fogo, destacando a convivência de muitos indígenas no mesmo espaço: “Sem terem caixas nem fechaduras, e os ranchos sem portas, todos abertos, são tão fieis uns aos outros que não há quem tome ou bule em coisa alguma sem licença de seu dono.”³²

No capítulo décimo quarto “dos seus casamentos e criação dos filhos”, expõe o contrato matrimonial e as regras de namoro e casamento. Um aspecto lembrado, que também se encontra em outros autores quinhentistas, é a *couvade*. Prática comum entre os tupinambás,

²⁹ GÂNDAMO, Pero de Magalhães de. *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Edição fac-similar da 1ª edição de 1576. Nota prévia de Francisco Leite de Faria. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1984. Na edição quinhentista a numeração de páginas é confusa. O texto com a ilustração do monstro marinho começa após a página 30 e termina antes da página 33 porque as páginas à esquerda não são numeradas.

³⁰ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 83.

³¹ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 84.

³² SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 87.

a *couvade* acontecia após o parto: a mulher retomava seus afazeres domésticos e o homem deitava na rede, recebia os cumprimentos e protegia o filho dos espíritos malignos.

No capítulo décimo quinto “da cura dos seus enfermos e enterro dos mortos”, lembrava que os médicos dos povos indígenas eram os feiticeiros, a quem reputava de charlatães. A visão negativa sobre os feiticeiros era geral entre os missionários das ordens religiosas no Brasil. Portanto, os franciscanos não pensavam diferente dos jesuítas, uma vez que as missões religiosas cristãs que vieram para o Brasil tinham o propósito de abolir as crenças dos nativos, substituindo-as pela fé cristã. Ao descrever o enterro do homem, da mulher e da criança, destacava como a posição social interferia no enterro, se o morto era um principal ou um indígena comum.

No capítulo décimo sexto “do modo de guerrear do gentio do Brasil”, frei Vicente trata de um dos assuntos mais estudados pela antropologia.³³ Os povos indígenas seguiam um ritual rigoroso quando se tratava da guerra. Realizava-se um conselho no terreiro da aldeia em que o fumo da erva santa percorria entre os presentes. Então, decidido que iriam à guerra, preparavam suas armas, a farinha de guerra, partindo para enfrentar povos às vezes bem distantes da sua aldeia. A luta não tinha regras, o importante era matar o inimigo quebrando-lhe a cabeça. Assim, os vitoriosos que quebravam muitas cabeças, “se fazem riscar e lavrar com um dente agudo de um animal e, lançando pó de carvão pelos riscos e lavores ensanguentados, ficam com eles impressos toda a vida.”³⁴

O capítulo décimo sétimo “dos que cativam na guerra” é o último do livro primeiro. Talvez o tema que mais fascinou os viajantes quinhentistas: o ritual da morte de um cativo na aldeia. Frei Vicente não apresenta novidade a respeito da morte do prisioneiro ante os relatos de Hans Staden, José de Anchieta e Fernão Cardim. O canibalismo como ritual sagrado dos povos indígenas, principalmente tupinambá, se instalou de forma permanente na cultura brasileira, resultando em importantes obras científicas e artísticas, como o célebre poema indianista *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, no século XIX, e o *Manifesto da Antropofagia*, de Oswald de Andrade, de 1928, vertente mais radical da introdução do modernismo no Brasil.

³³ É vasta a bibliografia sobre os povos indígenas. Ver: FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. 3 ed. São Paulo: Globo, 2006; CASTRO, Eduardo Viveiros de. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: _____. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, pp. 181-264.

³⁴ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 94.

A cerimônia canibal se dava após a captura do inimigo levado para a aldeia onde permanecia até o ritual finalizar com a sua morte, que acontecia após meses de prisão. O cativo era entregue a uma mulher responsável por sua vida, alimentando-o e vigiando-o para que não fugisse. Ao se aproximar a época da morte do prisioneiro eram convidadas outras tribos para participarem do festim. Então o cativo e o seu futuro matador eram preparados para a cerimônia canibal, com os dois cumprindo ritos para a cena final em que o corpo do cativo era dividido entre os presentes. O matador saía de cena, se recolhia a uma cabana, deitava na rede, nada comia fazendo-se sarrafaçar até sangrar para cumprir o tempo necessário de perdão pela morte que praticou.

O “Livro segundo da história do Brasil no tempo do seu descobrimento”, antecedido dos prolegômenos de Capistrano de Abreu, é composto de 14 capítulos. Capistrano atualiza as informações históricas em que se percebem as pegadas de Gândavo, Gabriel Soares e outros textos quinhentistas. As informações de Capistrano se desatualizaram, como no caso das viagens de Gonçalo Coelho ao Brasil e o papel de Américo Vespúcio nessas viagens.³⁵ Por outro lado, assinalava que a criação das capitanias hereditárias fora uma iniciativa para preservar o território descoberto da cobiça francesa, pois frequentavam a costa da Província Santa Cruz desde 1503 com a viagem de Paulmier de Gonneville.³⁶

D. João III, tendo decidido criar as capitanias hereditárias, em número de 12 segundo Varnhagen, as distribuiu entre a elite da nobreza portuguesa que participava da expansão marítima portuguesa. Assim, os irmãos Martim Afonso de Sousa e Pero Lopes de Sousa foram agraciados com as capitanias que escolheram por terem estado no Brasil entre 1530-1532,³⁷ não voltando à América, seguindo para o Oriente.

³⁵ MOTA, A. Teixeira da. Novos documentos sobre uma expedição de Gonçalo Coelho ao Brasil entre 1503 e 1505. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, vol. 287, abril-junho, 1970. p. 483-491; VESPUCCI, Amerigo. *Cartas de viaje*. Introducción y notas de Luciano Formisano. Traductor Ana Maria R. de Aznar. Madrid: Alianza, 1986; *Scopritori e viaggiatori del Cinquecento e del Seicento: Il Cinquecento*; a cura di Ilaria Luzzana Caraci; testi e glossario a cura di Mario Pozzi, 2 volumi. Milano: R. Ricciardi, 1996, primo volume pag. IX. (Amerigo Vespucci può essere considerato il prototipo del viaggiatore italiano del Cinquecento.).

³⁶ GONNEVILLE, Binot Paulmier de. *Campagne du navire l'Espoir de Honfleur. 1503-1505*. Relation authentique du voyage du Capitaine de Gonneville ès Nouvelles Terres des Indes. Publiée intégralement pour la première fois avec une introduction et des éclaircissements par M. d'Avezac. Paris: Challamel, 1869. Reimpressão: Genève: Slatkine Reprints, 1971. Primeira edição do mais antigo documento francês sobre o Brasil; PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

³⁷ SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Estudo crítico pelo comandante Eugênio de Castro e prefácio de Capistrano de Abreu. 2 ed. Rio de Janeiro: Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses, 1940, 2 volumes.

Capistrano enumera os donatários, destaca capitanias, como a de Pernambuco de Duarte Coelho, e o importante papel que teve na região nordestina Jerônimo de Albuquerque, o Adão pernambucano, pai de 24 filhos. A mulher de Duarte Coelho, Beatriz ou Brites de Albuquerque, irmã de Jerônimo de Albuquerque, governou a capitania na ausência do marido e após a morte deste quando os filhos estavam em Portugal. O governo de Brites de Albuquerque, louvado no seu tempo, foi administrado com o irmão Jerônimo de Albuquerque, o “branco cisne venerando”, no dizer de Bento Teixeira, o primeiro poeta de Pernambuco e do Brasil.³⁸

O capítulo primeiro “de como se continuou o descobrimento do Brasil e se deu ordem a se povoar”, frei Vicente narra as viagens de reconhecimento da costa brasileira realizadas por Gonçalo Coelho, Cristóvão Jacques e Pero Lopes de Sousa. D. João III, informado sobre a colônia americana, dividiu-a em 12 capitanias que seriam povoadas à custa dos próprios donatários. E três capitanias – Bahia, Rio de Janeiro e Paraíba – ficaram no controle da Coroa portuguesa, não sendo mais oferecidas a donatários. Pois, tanto a capitania da Bahia quanto a da Paraíba retornaram à Coroa pelo fracasso dos seus donatários.

O capítulo segundo “das capitanias e terras que el-rei doou a Pero Lopes e Martim Afonso de Sousa, irmãos”, descreve as capitanias de Pero Lopes de Sousa, uma em São Vicente e outra em Itamaracá, com o crescimento das vilas de Santos e de São Paulo, devido ao clima temperado e ao trabalho dos padres da Companhia de Jesus com os indígenas do cacique Tibiriçá.

Para não tornar a narrativa enfadonha, frei Vicente insere histórias da vida privada, como o relato de um morador “muito cioso da mulher, [...] muito formosa, [que] foi morar em uma ilha chamada Cananéia; mas pouco viveu sem seus receios, porque, conhecida a fertilidade da terra, se foram outros muitos com suas famílias a morar também a ela.”³⁹

O capítulo terceiro “da terra e capitania que el-rei doou a Pedro de Góis” descreve o fracasso da capitania às margens do rio Paraíba que não resistira aos ataques de indígenas.

O capítulo quarto “da terra e capitania do Espírito Santo que el-rei doou a Vasco Fernandes Coutinho”, é uma história cheia de peripécias, devido à resistência indígena aos colonizadores. Na tentativa de submeter os povos da terra, morreu na luta Fernão de Sá, filho

³⁸ PEREIRA, Paulo Roberto. O cristão-novo Bento Teixeira e o épico na *Prosopopeia*. In: *Revista da Academia Carioca de Letras*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2025, pp. 41-60.

³⁹ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 115.

de Mem de Sá. Também morreu no Espírito Santo, coberto de santidade, o padre José de Anchieta, na aldeia de Reritiba, entre seus amados indígenas.

Frei Vicente descreve a capitania do Espírito Santo de Vasco Fernandes Coutinho que construíra a vila da Vitória e quatro engenhos de açúcar. Voltando a Portugal, os indígenas destruíram o que deixara. Quando retornou foi seguidamente derrotado pelos nativos, perdendo todos os seus bens. Conclui frei Vicente: “Mas enfim, gastados muitos mil cruzados que trouxe da Índia, e muito patrimônio que tinha em Portugal, acabou tão pobremente que chegou a lhe darem de comer por amor de Deus, e não sei se teve um lençol seu em que o amortalhassem.”⁴⁰

O capítulo quinto “da capitania de Porto Seguro” é sobre a capitania doada a Pero do Campo Tourinho, que a ocupou e fez prosperar.

O capítulo sexto “da capitania dos Ilhéus”, doada a Jorge de Figueiredo Correia, que a vendeu a Lucas Giraldes, contém a deliciosa história sobre os feitores que desviavam os lucros da capitania para si próprios.

No capítulo sétimo “da capitania da Bahia”, doada por D. João III a Francisco Pereira Coutinho, frei Vicente apresenta informações importantes sendo, provavelmente, o primeiro a descrever o rio de São Francisco e a sua importância entre Pernambuco e a Bahia. Ressalta que a capitania da Bahia possuía, na época que escreveu a *História do Brasil* (1600/1630), cerca de 50 engenhos de cana-de-açúcar, disputando com Pernambuco a primazia da produção açucareira.

Frei Vicente exalta a Bahia, como “a melhor terra do Brasil”, dizendo “que os índios velhos comparam o Brasil a uma pomba, cujo peito é a Bahia”.⁴¹ E o frade baiano narra a lenda da passagem de São Tomé pela Bahia e da famosa imagem do seu pé numa pedra, já descrita pelo padre Manuel da Nóbrega. Por fim, saindo das lendas, frei Vicente relata a importância que teve Diogo Álvares Correia, o Caramuru, e sua mulher, a índia Paraguaçu, na colonização da capitania real, após a chegada de Tomé de Sousa.

No capítulo oitavo “da capitania de Pernambuco, que el-rei doou a Duarte Coelho”, frei Vicente descreve os primeiros anos da mais famosa e rica capitania do Brasil, elogiando a família do donatário. Destaca os locais estratégicos escolhidos por Duarte Coelho para a

⁴⁰ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 119.

⁴¹ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 125.

construção das vilas de Olinda, Recife e Igaraçu para a proteção contra ataques de indígenas e para a exportação do açúcar, que tornaria Pernambuco o maior produtor mundial.

O capítulo oitavo se encerra com o conflito entre colonizadores e os povos da terra. A partir da colonização os povos originários não ficaram satisfeitos com o “resgate”, o escambo efetuado com o trabalho de preparar o pau-brasil para exportação e alimentos da terra em troca de anzóis, facas, foices, machados. Depois, o resgate mudou. Os colonizadores queriam o homem da terra para a escravização no trabalho forçado das fazendas, principalmente de açúcar, como foi o caso de Pernambuco.

O capítulo nono “de como Duarte Coelho correu a costa da sua capitania, fazendo guerra aos franceses e paz com o gentio e se foi para o reino” narra a famosa lenda de Vasco Fernandes de Lucena, o português casado com uma indígena que tinha fama de feiticeiro. O nosso primeiro historiador exalta a campanha militar realizada por Duarte Coelho contra indígenas inimigos e, principalmente, contra os franceses que vinham adquirir o pau-brasil na costa pernambucana.

O capítulo nono termina com a viagem de Duarte Coelho a Portugal para prestar contas ao rei D. João III das atividades da sua capitania. Nunca veio a público o motivo da morte de Duarte Coelho. Sabe-se apenas que, após ser recebido pelo rei, recolheu-se em sua casa e morreu. Os livros registram que o rei, insatisfeito com o donatário, teria lhe tratado muito mal. O desgosto seria a causa da morte de Duarte Coelho.

O capítulo décimo “de como na ausência de Duarte Coelho ficou governando Jerônimo de Albuquerque a capitania de Pernambuco e do que nela aconteceu neste tempo” aborda o esforço para pacificar as nações indígenas. De novo entra em cena Vasco Fernandes de Lucena, que falava a língua dos povos da terra, arquitetando um plano para vencer os indígenas inimigos. E Jerônimo de Albuquerque, junto com a viúva Beatriz de Albuquerque, governaram Pernambuco até a volta de Portugal dos filhos de Duarte Coelho, Duarte de Albuquerque Coelho e Jorge de Albuquerque.

O capítulo décimo primeiro “da capitania de Itamaracá” se refere às 25 léguas dadas a Pero Lopes de Sousa na divisão do Brasil em capitanias hereditárias, as lutas realizadas por ele contra franceses e indígenas inimigos, concluindo com o seu retorno a Portugal, a viagem ao Oriente e o seu desaparecimento no mar.

No capítulo décimo segundo “do que aconteceu na capitania de Itamaracá depois que dela se foi o donatário Pero Lopes de Sousa” é descrito o fim da capitania, bem como

autorizado o seu desmembramento para formar a capitania da Paraíba. A decadência da capitania de Itamaracá culminou com a agressão de Duarte Coelho ao capitão Francisco de Braga que governava Itamaracá na ausência de Pero Lopes. Diz frei Vicente: “...lhe mandou Duarte Coelho dar uma cutilada pelo rosto, e o capitão, vendo que não podia se vingar, se embarcou para as Índias de Castela, levando tudo o que pôde.”⁴²

O capítulo décimo terceiro “da terra e capitania que el-rei D. João III doou a João de Barros” desfaz um equívoco histórico. Demonstrou frei Vicente que sempre se atribuiu a capitania do Maranhão a João de Barros, pois foi lá que naufragou a frota de 10 navios que enviara com seus dois filhos para colonizar as 50 léguas de terra que recebera do rei D. João III. Acontece que a capitania do Maranhão foi doada a Luís de Melo da Silva, que a descobriu. João de Barros deveria colonizar a capitania da Paraíba. Com o naufrágio da frota, não teve condições de assumir a colonização da Paraíba, que voltou para o controle da coroa sendo transformada em capitania real.

O capítulo décimo quarto “da terra e capitania do Maranhão que el-rei D. João III doou a Luís de Melo da Silva”, encerra o Livro segundo e traz o depoimento de frei Vicente do Salvador a respeito do seu pai, João Rodrigues Palha, que participara da frota de Luís de Melo da Silva na tentativa de conquistar a capitania do Maranhão e, como a frota enviada por João de Barros, também naufragou na entrada da baía da ilha de São Luís.

O Livro terceiro, “da história do Brasil do tempo que o governou Tomé de Sousa até a vinda de Manuel Teles Barreto”, antecedido pelos prolegômenos de Capistrano de Abreu, contém 26 capítulos. Apresenta vasto panorama do Brasil da segunda metade do século XVI, trazendo importantes informações históricas. Contudo, os prolegômenos do Livro terceiro precisam de alguns acréscimos, como os comentários sobre José de Anchieta que em boa parte estão desatualizados, devido à edição das obras completas de Anchieta pelas Edições Loyola, em 11 volumes, e a publicação da biografia *Anchieta, o apóstolo do Brasil*, do padre Hélio Abranches Viotti, SJ, que eliminaram equívocos biográficos sobre Anchieta que vinham desde o século XVI.

Sobre a polêmica com o primeiro bispo do Brasil, D. Pero Fernandes Sardinha, e o segundo governador Duarte da Costa, Capistrano apresenta informações preciosas, a que se

⁴² SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 141.

poderia acrescentar a polêmica do bispo com o padre Manuel da Nóbrega, como assinalado na obra completa do primeiro jesuíta a missionar nas Américas.⁴³

Sobre a França Antártica e Nicolas Durand de Villegagnon, Capistrano acrescenta relevantes informações sobre a aventura do vice-almirante da Bretanha no Rio de Janeiro. Pois, “ao mesmo tempo teólogo, chefe militar e diplomata, Nicolas Durand de Villegagnon foi o típico homem plural do Renascimento.”⁴⁴ E hoje se tem um panorama quase completo pelas ótimas edições das obras de André Thevet⁴⁵ e de Jean de Léry.⁴⁶

Capistrano atualizou com acréscimos de Rodolfo Garcia, as informações sobre João Cointha também conhecido como Senhor de Bolés, companheiro de Villegagnon na aventura francesa na baía de Guanabara. Hoje há um conjunto de pesquisas sobre Cointha que completam o perfil desse personagem polêmico do Brasil quinhentista⁴⁷.

O capítulo primeiro do Livro terceiro “de como el-rei mandou povoar outra vez a Bahia por Tomé de Sousa, primeiro governador-geral do Brasil”, apresenta uma síntese da estrutura do governo-geral, o projeto de fundação da primeira capital do Brasil, a nomeação do primeiro governador-geral e a chegada da comitiva à Bahia de Todos os Santos a 29 de março de 1549.

Frei Vicente retoma o encontro de Diogo Álvares Coreia, o Caramuru, e de sua mulher Catarina Paraguaçu, com as autoridades portuguesas. O historiador dá um depoimento pessoal sobre o seu encontro com Catarina Paraguaçu, provavelmente na ermida de Nossa Senhora da Graça, mandada construir pela mulher do Caramuru.

No capítulo segundo “de outras duas armadas que el-rei mandou com gente e provimento para a Bahia” são descritas a vinda em 1550 da segunda armada com o bispo D.

⁴³ PEREIRA, Paulo Roberto (Org.) Manuel da Nóbrega: *Obra completa*. Edição comemorativa do 5º centenário de nascimento (1517-2017). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2017.

⁴⁴ WEHLING, Arno. Prefácio. In: MARIZ, Vasco & PROVENCAL, Lucien. *Os franceses na Guanabara: Villegagnon e a França Antártica (1555-1567)*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 14.

⁴⁵ THEVET, André. *Les singularitez de la France Antarctique*. Nouvelle edition avec notes et commentaires par Paul Gaffarel. Paris : Maisonneuve, 1878 ; THEVET, André. *Singularidades da França Antártica*. Tradução e notas de Estevão Pinto. São Paulo: Nacional, 1944.

⁴⁶ LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage faict en la Terre du Brésil*. Nouvelle edition avec une introduction & des notes par Paul Gaffarel. Paris: Alphonse Lemerre, 1880, 2 volumes; Edição brasileira: *Viagem à terra do Brasil*. Tradução e notas de Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1951.

⁴⁷ RÉVAH, I.S. J. Cointha, Sieur des Boulez, exécuté par l’Inquisition de Goa en 1572. Estratto dagli *Annali dell’Istituto Universitario Orientale* — Sezione Romanza. Napoli, 1961. pp. 71-75; PEREIRA, Paulo Roberto. João Cointha, um heterodoxo na França Antártica. In: *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 43: 19-37, 2005. HERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Fremiot. La fantaseada relación entre José de Anchieta y Jean de Bolés. In: *Anchiétea*. Revista da Cátedra Cultural “Padre Anchieta”, Universidad de La Laguna, San Cristóbal de La Laguna, Tenerife, Canárias: nº 6 y 7, 2019-2021, pp. 37-83.

Pedro Fernandes Sardinha e 4 padres jesuítas, e em 1551, outra armada com donzelas órfãs para se casarem no Brasil.

O capítulo terceiro “do segundo governador-geral que el-rei mandou ao Brasil” narra a vinda em 1553 de Duarte da Costa com o seu filho Álvaro da Costa, que teriam sérias desavenças com o bispo D. Pedro Fernandes Sardinha, além de novos membros da Companhia de Jesus, como o padre Luís da Grã e José de Anchieta, este ainda simples irmão.

O capítulo terceiro trata da morte do bispo D. Pedro Fernandes Sardinha e de sua comitiva no naufrágio que ocorreu após a partida de Salvador com destino a Portugal. A morte do bispo se tornou o mais célebre caso de antropofagia na história do Brasil colonial. Assim, os defeitos e as virtudes do primeiro bispo do Brasil foram esquecidos só restando a piedade por morte tão trágica.⁴⁸

O capítulo quarto “de uma nau da Índia que arribou a esta Bahia no tempo do governador D. Duarte da Costa” é dedicado a traçar um perfil biográfico do irmão de D. João III, infante D. Luís, duque de Beja e pai de D. Antônio, governador do priorado do Crato que, na sucessão dinástica portuguesa, foi derrotado por Filipe II de Espanha.

O capítulo quinto “de outra nau da Índia que arribou à Bahia” descreve a nau capitaneada por D. Luís Fernandes de Vasconcelos que arribou na Bahia em agosto de 1556. Contudo, para frei Vicente os fatos importantes aconteceram em 1557 com as mortes do imperador Carlos V e do rei D. João III, além da conclusão do triênio de governo do Brasil de Duarte da Costa.

O capítulo sexto “do terceiro governador do Brasil que foi Mem de Sá”, em que considera Mem de Sá, que assumiu o governo em 1557, como o “espelho de governadores do Brasil” por suas providências em reunir os povos indígenas, propondo que não comessem carne humana. O terceiro governador do Brasil combateu a escravização dos indígenas presos injustamente e enfrentou com brutalidade os nativos que não quiseram se submeter à catequização.

⁴⁸ PAIVA, José Pedro. "Trabalho mais para que não se pervertam os brancos do que para a conversão dos negros": Pedro Fernandes, bispo de Salvador da Bahia (1551-1556), entre Paris, Lisboa, Goa, Cabo Verde e o Brasil. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 37, n. 73, p. 17-52, jan/abr 2021; PEREIRA, Moacyr Soares. Naufrágio e morte de D. Pedro Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil: Sua revisão histórica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 387, p. 285-296, 1995.

O capítulo sétimo “de como mandou o governador seu filho Fernão de Sá socorrer a Vasco Fernandes Coutinho e o matou lá o gentio” trata da desastrosa campanha e o triste fim de Fernão de Sá na capitania do Espírito Santo.

O capítulo oitavo “da entrada dos franceses no Rio de Janeiro e guerra que lhe foi fazer o governador” relata a história da ocupação da baía de Guanabara por Nicolas Durand de Villegagnon. Sabedor da ocupação do Rio de Janeiro pelos franceses, Mem de Sá organizou em 1560 a frota que expulsou os franceses e destruiu a fortaleza de Coligny.

No capítulo nono “de como o governador tornou do Rio de Janeiro para a Bahia e o sucesso que teve uma nau da Índia que a ela arribou” frei Vicente narra numa das suas histórias paralelas a de um navio com destino ao Oriente que encalhou em terra estranha. Entre os ocupantes da nau estava o fidalgo Diogo Pereira de Vasconcelos com sua mulher Francisca Sardinha. Atraídos pela formosura de Francisca, os habitantes da região quiseram comprar a mulher de Diogo Pereira de Vasconcelos, que recusou. Como os portugueses eram em menor número, eles tomaram D. Francisca Sardinha à força e a ofereceram ao governante da região. E os portugueses tiveram de partir deixando para trás a formosa mulher de Diogo Pereira de Vasconcelos.

O capítulo décimo “do aperto em que os tamoios do Rio de Janeiro puseram a capitania de São Vicente e o governador lhes mandou fazer segunda guerra” sintetiza dois eventos importantes da luta de portugueses contra indígenas inimigos e seus aliados franceses, resultando na Confederação dos Tamoios, que se tornou célebre pelo desempenho de Anchieta, e a fundação da cidade do Rio de Janeiro por Estácio de Sá.

O capítulo décimo primeiro “da viagem que fez Jorge de Albuquerque de Pernambuco para o reino e casos que nela sucederam”, frei Vicente narra a célebre viagem de Jorge de Albuquerque Coelho que partiu de Pernambuco com destino a Portugal em 1565. A nau Santo Antônio em que viajava foi assaltada por corsários franceses que deixaram os tripulantes largados em alto-mar. O relato dessa heroica viagem foi atribuído a Bento Teixeira, como consta da coletânea *História trágico-marítima*, de Bernardo Gomes de Brito,⁴⁹ mas o autor do

⁴⁹ BRITO, Bernardo Gomes de. *História trágico-marítima*. [Primeira edição em dois tomos: 1735/1736.]. Edição de Antônio Sérgio. Lisboa: Editorial Sul, 1956/1957, 3 volumes; BRITO, Bernardo Gomes de. *História trágico-marítima*. Apresentação Ana Miranda e introdução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

relato é Afonso Luiz Piloto, como demonstraram José Antônio Gonçalves de Melo e Fernando de Oliveira Mota.⁵⁰

O capítulo décimo segundo “de como o governador Mem de Sá tornou ao Rio de Janeiro e fundou nele a cidade de São Sebastião e do mais que lá fez até tornar à Bahia” apresenta informações incorretas sobre a segunda vinda de Mem de Sá ao Rio e a fundação da cidade de São Sebastião. A informação errada mais grave é a que circulava, desde a morte de Anchieta, por equívoco de um seu biógrafo, de que o Apóstolo do Brasil fora o responsável pela morte de João Cointha. Engano esclarecido, desde o século XIX.⁵¹

O capítulo décimo terceiro “de como o governador tornou para a Bahia e de uma nau que a ela arribou indo para a Índia” contém uma narrativa paralela tão ao gosto de frei Vicente do Salvador ao tratar da estadia da frota comandada por Francisco Barreto com destino às famosas minas do Monomotapa, na África Oriental. Frei Vicente apresenta o caso de dois tripulantes que, ficando em Salvador, se desentenderam morrendo um deles. O que ficou vivo precisou ser enforcado por ordem do próprio governador. O capítulo décimo quarto “de como os tamoios e franceses, depois da vinda do governador, foram do Cabo Frio ao Rio de Janeiro para tomarem uma aldeia e do que lhe sucedeu” em que se descreve, em narrativa de forte emoção, o heroísmo de Arariboia, que no batismo cristão recebeu o nome de Martim Afonso de Sousa, que enfrentou um ataque dos tamoios e seus aliados franceses, que tentaram tomar a cidade do Rio de Janeiro, governada nessa época por Salvador Correia de Sá.

No capítulo décimo quinto “das guerras que houve neste tempo em Pernambuco” frei Vicente retoma algumas histórias da famosa capitania que, pela fama da sua riqueza, decorrente da produção de cana-de-açúcar, atraía aventureiros de toda espécie. A narrativa se concentra no governo de Duarte de Albuquerque Coelho, que dizimou a maioria das nações indígenas de Pernambuco. E o relato se volta para as aventuras do famoso Padre do Ouro, um charlatão misto de padre católico e feiticeiro indígena.

O capítulo décimo sexto “de como vinha por governador do Brasil D. Luís Fernandes de Vasconcelos e o mataram no mar os corsários” em que frei Vicente narra com triste emoção a sina de D. Luís que em 1570 vinha para governador do Brasil, mas que,

⁵⁰ PILOTO, Afonso Luiz e TEYXEYRA, Bento. *Naufragio e Prosopopea*. [Primeira edição conjunta de 1601]. Prefácio de José Antônio Gonsalves de Melo e introdução de Fernando de Oliveira Mota. 5ª ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

⁵¹ PEREIRA, Paulo Roberto. João Cointha, Senhor de Bolés. In: *A presença de Castello (José Aderaldo Castello)*. Organizado por Edilene Matos *et alii*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003, p. 807-815.

“infelicíssimo em todas suas viagens e navegações”,⁵² naufragou sofrendo ataque de corsários que o mataram.

No capítulo décimo sétimo “da morte do governador Mem de Sá”, frei Vicente narra a morte de Mem de Sá que governou o Brasil por 14 anos. O capítulo termina com o assunto delicado da proposta de casamento da filha do rei Henrique da França e a recusa por D. Sebastião. Lembrava com ironia frei Vicente, sabedor da misoginia do rei português, que se o rei da França participasse da guerra contra os muçulmanos, “D. Sebastião (...) aceitava o casamento (a que não era afeiçoado).”⁵³

No capítulo décimo oitavo “de como el-rei D. Sebastião mandou Cristóvão de Barros por capitão-mor a governar o Rio de Janeiro”, frei Vicente, numa narrativa saborosa, descreve pescarias e a boa administração do Rio de Janeiro pelo governador Cristóvão de Barros.

O capítulo décimo nono “do quarto governador do Brasil, Luís de Brito de Almeida e de sua ida ao rio Real” trata do governador que enfrentou nações indígenas e entregou o povoamento das terras ao célebre Garcia d’Ávila, principal responsável pela expansão geográfica com a criação de gado, a partir da Bahia em direção ao Nordeste.

No capítulo vigésimo “das entradas que neste tempo se fizeram pelo sertão” em que frei Vicente aborda com rigor e forte crítica as entradas dos colonizadores pelo sertão da Bahia em busca dos povos originários para escravizá-los, usando como artifício os “mamalucos” “(porque mamalucos chamamos os mestiços, que são filhos de brancos e índias)”.⁵⁴ Ele descreve com realismo a escravização dos povos indígenas que perdurou por séculos no Brasil, apesar das várias leis que a proibiam: “...abalavam aldeias inteiras e em chegando à vista do mar, apartavam os filhos dos pais, os irmãos dos irmãos e ainda às vezes a mulher do marido...e todos se serviam deles em suas fazendas... Quebravam os pregadores os púlpitos sobre isto, mas era pregar em deserto.”⁵⁵

Oficialmente eram “entradas”, apoiadas pelo governo, mas na verdade eram “bandeiras”, em que os particulares assumiam o comando da escravização dos indígenas

⁵² SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 200.

⁵³ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 204.

⁵⁴ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 209.

⁵⁵ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 209-210.

como mão de obra barata. Incluía na escravização até nações amigas, como as dos caciques Braço de Peixe e Assento de Pássaro.

O caso de Braço de Peixe, principal dos tabajaras, que ajudara a escravizar outros povos e depois foi feito prisioneiro e escravizado pelos portugueses, é um exemplo da resistência indígena. Conseguiu convencer os colonizadores que poderia ser útil fornecendo comida e seus guerreiros. Às escondidas se aliou ao cacique tabajara Assento de Pássaro e massacraram os colonizadores que caçavam os indígenas para escravizá-los. Então, os dois principais tabajaras levaram suas nações indígenas para a Paraíba onde fizeram as pazes com os potiguaras para juntos enfrentarem os portugueses.

O capítulo vigésimo primeiro “das diferenças que o governador e o bispo tiveram sobre um preso que se acolheu à igreja” aborda o caso de Sebastião da Ponte que, durante o governo de Luís de Brito e do bispado de D. Antônio Barreiros, mandou açoitar um empregado e depois o ferrou nas costas com um ferro de marcar gado. Sabendo do caso, o rei de Portugal mandou prender Sebastião da Ponte. Este se abrigou na igreja e pediu a proteção ao bispo e depois de muita pendência foi enviado para Portugal.

No capítulo vigésimo segundo “do princípio da rebelião e guerras do gentio da Paraíba” é descrita a rebelião dos potiguaras da Paraíba em 1574. Frei Vicente relata o caso da filha de um principal sequestrada por um fazendeiro português, que se tornou motivo da revolta indígena que custou a ser debelada.

No capítulo vigésimo terceiro “de como dividiu el-rei o governo do Brasil mandando o doutor Antônio de Salema governar o Rio de Janeiro com o Porto Seguro e mais capitanias do Sul, e o governador Luís de Brito com a capitania da Bahia e as outras do Norte e que fosse conquistar a Paraíba”, frei Vicente não dá importância ao tema, preferindo contar a história cheia de ironia sobre o convite feito pelo governador Antônio de Salema para que Arariboia fosse visitá-lo. No encontro, Antônio de Salema repreendeu o grande cacique por se sentar à maneira indígena. Arariboia respondeu prontamente dizendo que essas cortesias deviam ser relevadas pelo muito que fizera pelos portugueses. E nunca mais retornou à cidade do Rio de Janeiro. É uma história ferina típica do historiador baiano.

O capítulo vigésimo quarto “de como o governador Luís de Brito mandou o ouvidor-geral Fernão da Silva à conquista da Paraíba, e depois ia ele mesmo e não pôde chegar com ventos contrários” destaca a conquista da Paraíba e a sábia decisão dos potiguaras de não enfrentarem os portugueses. Quando a força militar do ouvidor-geral retornou a

Pernambuco, os potiguaras voltaram às suas terras, destruindo as construções deixadas pelos portugueses.

O capítulo vigésimo quinto “de uma entrada que nesse tempo se fez de Pernambuco ao sertão” expõe mais uma vez as entradas em busca de indígenas para escravizá-los, como os bandeirantes paulistas fizeram em diversas regiões do Brasil. Frei Vicente descreve a entrada comandada pelo capitão Francisco Barbosa da Silva em direção ao rio São Francisco em que mataram franceses que comerciavam com indígenas. Precisando de carregadores, o capitão pediu ajuda a dois principais que eram amigos dos portugueses, o cacique Porquinho e o cacique Seta. Com a ajuda deles os caçadores de indígenas percorreram vasta região em torno do rio São Francisco. A narrativa de frei Vicente termina com a história do cacique Anaconda, que sempre fora aliado dos portugueses, mas que foi levado para o cativeiro juntamente com toda sua aldeia. Concluiu frei Vicente do Salvador: “Não sei com que justiça e razão homens cristãos, que professavam guardá-la, quiseram aqui que pagasse o justo pelo pecador, trazendo cativo o gentio que não lhes havia feito mal algum.”⁵⁶

O capítulo vigésimo sexto “da morte do governador Lourenço da Veiga” aborda o fim da dinastia de Avis com a morte do rei D. Henrique que não deixara sucessor, sendo Portugal tomado pelo exército do rei Filipe II. Assim, o Livro terceiro termina com esse capítulo em que o Brasil passava à condição de colônia do império espanhol, vigente de 1580 a 1640.

Por fim, frei Vicente do Salvador dá por terminada a sua *História do Brasil*, justificando com bom humor o motivo de ter escrito esse monumento da cultura brasileira da época colonial: “Darei fim a esta minha história, porque sou de sessenta e três anos de idade e é já tempo de tratar só da minha vida, e não das alheias.”⁵⁷

Considerações finais

Frei Vicente do Salvador escreveu a sua *História do Brasil* num momento decisivo da política europeia em que Portugal pertencia à chamada “União Ibérica”, expressão que atenua o domínio de fato da Espanha sobre os territórios do antigo império lusitano, no qual se inseria o Brasil. Foi nesse Brasil filipino que se formou e se moveu Vicente Rodrigues Palha, que tomou o nome franciscano de frei Vicente do Salvador.

⁵⁶ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 209-224.

⁵⁷ SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Quinta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 513.

A obra de frei Vicente do Salvador pode ser rastreada nos manuscritos que circularam do século XVII a XIX, quando surgiu a primeira edição impressa. De lá para cá são muitas as edições desse livro seminal da história do Brasil.

O livro de frei Vicente do Salvador possui uma característica única que o valoriza e realça: as histórias contadas com vivacidade e bom humor sobre fatos simples, às vezes corriqueiros, com personagens anônimas da história do Brasil, como o negro Bastião que enfrentou os invasores holandeses; o mameluco Catucadas que, simples homem do povo, liderou a expulsão dos franceses de Ilhéus; o cacique Braço de Peixe que, quase centenário, se recusava a levantar da rede para reverenciar os chefes mais jovens; ou o primeiro povoador da ilha de Cananeia, marido ciumento de mulher formosa, que não conseguia ficar isolado na ilha com sua mulher; ou o soldado que conversava com seu cavalo após a batalha. São muitas as figuras da vida privada do Brasil que frei Vicente do Salvador resgata dos desvãos da história. E, como se fossem personagens de uma grande obra de ficção, passam a povoar a nossa memória com esses inolvidáveis casos do cotidiano, ou melhor, “causos”, no sentido utilizado por Guimarães Rosa para perpetuar, entre história e ficção, a construção de uma identidade nacional com tijolos de cinco séculos.

Referências bibliográficas

- ABREU, J. Capistrano de. *Ensaio e estudos*, 2ª série. Nota liminar de José Honório Rodrigues. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, pp. 111-128, 1976.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ÁLVAREZ, Fernando Bouza. Portugal no tempo dos Filipes: política, cultura e representações. (1580 – 1668). Lisboa: Edições Cosmos, 2000.
- ANCHIETA, José de. *De gestis Mendi de Saa*. Apresentação de Eduardo Portella. Introdução de Paulo Roberto Pereira. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1997. (Primeira edição: Coimbra em 1563).
- ANDRADE, Luiz Cristiano O. de. *A Narrativa da Vontade de Deus: a História do Brasil de Frei Vicente Salvador (cerca 1630)*. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em História Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- BARROS, João de. *Ásia*. Dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente: primeira, segunda e terceira Décadas. Edição fac-similar. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988-1992. 3 v.
- BICALHO, Maria Fernanda; FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). *O Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BOXER, Charles Ralph. *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Organização e introdução de José Antônio Gonsalves de Mello. Prefácio de Leonardo Dantas Silva. 3ª edição integral segundo apógrafo de Leiden. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1997.
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogo de las grandezas de Brasil*. Primera edición en español, con traducción, estudio preliminar y notas de José Manuel Santos Pérez. Madrid: Doce Calles, 2019.
- BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Dialogues of the great things of Brazil. (Diálogos das grandezas do Brasil)*. Attributed to Ambrósio Fernandes Brandão. Translated and annotated by Frederick Holden Hall, William F. Harrison and Dorothy Winters Welker. Foreword: José Antônio Gonsalves de Mello. Albuquerque: University New Mexico Press, 1987.
- BRITO, Bernardo Gomes de. *História trágico-marítima*. [1735/1736]. Edição em 2 tomos de António Sérgio. Lisboa: Editorial Sul, 1956/1957, 3 volumes.
- BRITO, Bernardo Gomes de. *História trágico-marítima*. Apresentação de Ana Miranda e introdução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: _____. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, pp. 181-264, 2002.
- DAHER, Andréa. Do índio convertível. *Topoi: revista de história*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ / 7 Letras, n. 5, pp. 71-108, 2002.
- FAUSTO, Carlos. Fragmentos de história e cultura tupinambá. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 381-396, 1998.
- FERNANDES, Florestan. *A função social da guerra na sociedade tupinambá*. 3 ed. São Paulo: Globo, 2006.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Edição fac-similar da 1ª edição de 1576. Nota prévia de Francisco Leite de Faria. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1984.

GONNEVILLE, Binot Paulmier de. *Campagne du navire l'Espoir de Honfleur. 1503-1505*. Relation authentique du voyage du Capitaine de Gonneville ès Nouvelles Terres des Indes. Publiée intégralement pour la première fois avec une introduction et des éclaircissements par M. d'Avezac. Paris: Challamel, 1869. Reimpressão: Genève: Slatkine Reprints, 1971. Primeira edição do mais antigo documento francês sobre o Brasil.

HANSEN, João Adolfo. Colonial e Barroco. In UERJ. *América: descoberta ou invenção*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. pp. 347-361.

HERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Fremiot. La fantaseada relación entre José de Anchieta y Jean de Bolés. In: *Anchiètea*. Revista da Cátedra Cultural "Padre Anchieta", Universidad de La Laguna, San Cristóbal de La Laguna, Tenerife, Canárias: nº 6 y 7, pp. 37-83, 2019-2021.

IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG, IPEA, 2000.

JOHNSON, Harold e SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Coord. e colab.). *Nova história da expansão portuguesa. O império luso-brasileiro (1500-1620)*. Lisboa: Estampa, 1992.

LAS CASAS, Bartolomé de. *Brevísima relación de la destrucción de las Indias* [1552]. Edición y notas José Miguel Martínez Torrejón. Prólogo y cronología Gustavo Adolfo Zuluaga Hoyos. Medellín, Colombia: Editorial Universidad de Antioquia, 2011.

LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil*. Nouvelle edition avec une introduction & des notes par Paul Gaffarel. Paris: Alphonse Lemerre, 1880, 2 volumes; Edição brasileira: *Viagem à terra do Brasil*. Tradução e notas de Sérgio Milliet. São Paulo: Martins, 1951.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica*. Lisboa Occidental, na officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741(1º vol), 1747 (2º vol), 1752 (3º vol), 1759 (4º vol). Edição diplomática de M. Lopes de Almeida. Coimbra: Atlântida, 1965-1967.

MARTÍN GÓMEZ, María. Sobre el uso y origen del concepto "Escuela de Salamanca". *Scripta Theologica*, Vol. 55, 2023, pp. 67-97.

MARTÍN GÓMEZ, María. *La Escuela de Salamanca, Fray Luis de León y el problema de la interpretación*. Pamplona: EUNSA, 2017, pp. 12-13.

MOTA, A. Teixeira da. Novos documentos sobre uma expedição de Gonçalo Coelho ao Brasil entre 1503 e 1505. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, vol. 287, abril-junho, 1970. p. 483-491.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário de Tupi antigo: A língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

OLIVEIRA, Maria Lêda. *A História do Brasil de Frei Vicente do Salvador: história e política no Império Português do Século XVII*. Rio de Janeiro: Versal; São Paulo: Odebrecht, 2008, 2 v.

PAIVA, José Pedro. "Trabalho mais para que não se pervertam os brancos do que para a conversão dos negros": Pedro Fernandes, bispo de Salvador da Bahia (1551-1556), entre Paris, Lisboa, Goa, Cabo Verde e o Brasil. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 37, n. 73, p. 17-52, jan/abr 2021.

Paulo III, *Sublimis Deus*. In: SUESS, Paulo (Coord.) *A Conquista Espiritual da América Espanhola*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PEREIRA, Moacyr Soares. Naufrágio e morte de D. Pero Fernandes Sardinha, primeiro bispo do Brasil: Sua revisão histórica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 387, p. 285-296, 1995.

PEREIRA, Paulo Roberto. *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

PEREIRA, Paulo Roberto (Org.). *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia das fontes sobre o Brasil*. Comemorativa dos 500 anos do Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

PEREIRA, Paulo Roberto. João Cointha, Senhor de Bolés. In: *A presença de Castello (José Aderaldo Castello)*. Organizado por Edilene Matos *et alii*. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, pp. 807-815, 2003.

PEREIRA, Paulo Roberto. João Cointha, um heterodoxo na França Antártica. In: *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 43: 19-37, 2005.

PEREIRA, Paulo Roberto. Cartas de Anchieta: O canibal e o jesuíta em Iperuí. In: *Revista Anchiétea 2*. Universidad de La Laguna (Tenerife, Canarias, España): Cátedra Cultural “Padre Anchieta”, pp. 105-129, 2014.

PEREIRA, Paulo Roberto. Anchieta e a fundação do Rio: uma história de índios, portugueses, jesuítas e franceses. In: *450 Anos da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. Revista da Academia Carioca de Letras. Edição Comemorativa. Organização Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Batel, pp. 261-269, 2015.

PEREIRA, Paulo Roberto (Org.) *Manuel da Nóbrega: Obra completa*. Edição comemorativa do 5º centenário de nascimento (1517-2017). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2017.

PEREIRA, Paulo Roberto. Brasil en la ruta de la primera vuelta al mundo: la estancia de la flota de Magallanes en Río de Janeiro. In: MARTÍNEZ SHAW, Carlos (Org.). *Congreso Internacional de Historia Primus Circumdedit me*. Madrid: Ministerio de Defensa, pp. 165-177, 2018.

PEREIRA, Paulo Roberto. A ilha da utopia na Baía de Guanabara: de Vespúcio a Pigafetta. In: *Revista Brasileira de História*, v. 42, nº 89, pp. 221-238, 2022.

PEREIRA, Paulo Roberto. Diário da Navegação de Pero Lopes de Sousa (1530-1532). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 185, n. 496, pp. 125-135, 2024.

PEREIRA, Paulo Roberto. Gândavo e a *História da Província Santa Cruz*. In: *Convergência Lusíada*. Rio de Janeiro, n. 54, pp. 237-248, 2025.

PEREIRA, Paulo Roberto. O cristão-novo Bento Teixeira e o épico na *Prosopopeia*. In: *Revista da Academia Carioca de Letras*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, pp. 41-60, 2025.

PEREIRA, Paulo Roberto. O Brasil quinhentista de Gabriel Soares de Sousa. Salvador: *Revista da Academia de Letras da Bahia*, nº 64, pp. 11-37, 2026.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vinte luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PILOTO, Afonso Luiz e TEYXEYRA, Bento. *Naufragio e Prosopopea*. [Primeira edição conjunta de 1601]. Prefácio de José Antônio Gonsalves de Melo e introdução de Fernando de Oliveira Mota. 5ª ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

Primeira visitação do Santo Offício às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendoça. Denúncias da Bahia, 1591-1593. Organização Capistrano de Abreu. São Paulo: Paulo Prado, pp. 14-15, 1925.

Primeira visitação do Santo Offício às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de Mendoça. Confissões da Bahia, 1591-1592. Prefácio de J. Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro: F. Briguet, 1935.

RÉVAH, I.S. J. Cointha, Sieur des Boulez, exécuté par l'Inquisition de Goa en 1572. Estratto dagli *Annali dell'Istituto Universitario Orientale* — Sezione Romanza. Napoli, pp. 71-75, 1961.

RICUPERO, Rodrigo. O Brasil e Felipe IV: uma aproximação. In: MEGIANI, Ana Paula Torres (Org.). *O Brasil na monarquia hispânica (1580-1668): Novas interpretações*. São Paulo: Humanitas, 2016.

RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil. Primeira parte: Historiografia colonial*. 2 ed. São Paulo: Nacional, pp. 489-494, 1979.

RUBERT, Arlindo. *A Igreja no Brasil*. Origem e desenvolvimento (século XVI). Santa Maria: Pallotti, 1981.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Introdução de Capistrano de Abreu. Primeira edição. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Anais volume 13, 1889.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Notas e prolegômenos de Capistrano de Abreu. Revisão de Rodolfo Garcia. Segunda edição. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog irmãos, 1918.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Nota preliminar de Capistrano de Abreu. Explicação de Rodolfo Garcia. Terceira edição. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Nota preliminar de Capistrano de Abreu. Explicação de Rodolfo Garcia. Quarta edição. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil: 1500-1627*. Revista por Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Frei Venâncio Willeke, OFM. Apresentação de Aureliano Leite. Quinta edição comemorativa do 4º centenário do autor. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SANTOS PÉREZ, José Manuel. *El Brasil de Felipe III: corruptelas, "castellanización" y conquista en tiempos de reforma (1598-1621)*. Madrid: Sílex, 2025.

SERRÃO, Joel (Dir.). *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 4 volumes; volume III, p. 729; volume IV, pp. 418-446, 1971.

SINKEVISQUE, Eduardo. *Retórica e política: a prosa histórica dos séculos XVII e XVIII*. Introdução a um debate sobre gênero. 2 v. Dissertação (mestrado em literatura brasileira). São Paulo: USP, 2000.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SOUSA, Pero Lopes de. *Diário da navegação (1530-1532)*. Estudo crítico pelo comandante Eugênio de Castro e prefácio de Capistrano de Abreu. 2 ed. Rio de Janeiro: Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses, 1940, 2 volumes. *Scopritori e viaggiatori del Cinquecento e del Seicento: Il Cinquecento*; a cura di Ilaria Luzzana Caraci; testi e glossario a cura di Mario Pozzi, 2 volumi. Milano: R. Ricciardi, 1996, primo volume pag. IX. (Amerigo Vespucci può essere considerato il prototipo del viaggiatore italiano del Cinquecento.).

STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Apresentação de Américo Jacobina Lacombe. Versão do texto de Marpurgo, de 1557, por Alberto Löfgren. Revista e anotada por Theodoro Sampaio. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1988.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. Tradução Alberto Löfgren. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2000.

THEVET, André. *Les singularitez de la France Antarctique*. Nouvelle edition avec notes et commentaires par Paul Gaffarel. Paris, Maisonneuve, 1878.



THEVET, André. *Singularidades da França Antártica*. Tradução e notas de Estevão Pinto. São Paulo: Nacional, 1944.

VAINFAS, Ronaldo (Dir.). *Dicionário do Brasil colonial: 1500-1808*. Rio de Janeiro: Objetiva, pp. 252-253, 2000.

VESPUCCI, Amerigo. *Cartas de viaje*. Introducción y notas de Luciano Formisano. Traductor Ana Maria R. de Aznar. Madrid: Alianza, 1986.

VIANA, Hélio. A primeira “História do Brasil” escrita por um brasileiro. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 270. Rio de Janeiro, pp. 179-188, 1967.

WEHLING, Arno. *A invenção da história: estudos sobre o historicismo*. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF; Niterói: Editora da UFF, 1994.

WEHLING, Arno. Prefácio. In: MARIZ, Vasco & PROVENÇAL, Lucien. *Os franceses na Guanabara: Villegagnon e a França Antártica (1555-1567)*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015, p. 14.

WILLEKE, OFM, Frei Venâncio. *Franciscanos na história do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977. Frei Vicente do Salvador, pp. 51-64.